

REPENSANDO O MEDIEVO: PROBLEMATIZANDO O CONCEITO DE IDADE MÉDIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Andrielly Karolina Duarte Braz ¹
andriellykarolina@hotmail.com
Graduanda em História/UFRN
João Fernando Barreto de Brito¹
joaofernandohistoria@gmail.com
Graduando em História/UFRN
Orientadora: Fátima Martins Lopes²

RESUMO: O período medieval, tão distante cronologicamente e espacialmente, parece não fazer muito sentido para os alunos da educação básica, ainda mais quando ensinado de forma descontextualizada de sua realidade. Pensando nisso é que o subprojeto de História- PIBID-CAPES desenvolveu a ação que consistiu em estimular os alunos a perceberem como o medieval está presente mesmo nos dias atuais, como também nos seus espaços de convívio. Tal preocupação surgiu no momento em que, analisando a maneira como a Idade Média – pejorativamente chamada de “Idade das trevas”- é retratada nos livros didáticos e na própria sala de aula, percebemos a necessidade de mostrá-la sob outra perspectiva, que não privilegiasse e/ou estimulasse a construção e legitimação de uma visão pautada sempre nos mesmos pontos: “atraso cultural”, peste, guerra, fome. Assim, nossa ação buscou repensar o estudo da Idade Média fazendo os alunos pensarem criticamente sobre como determinada visão foi construída, mas principalmente desconstruí-la a partir das contribuições daquela sociedade, sendo estas reapropriadas a partir de cada realidade, mas tendo sua origem ou disseminação legadas ao medieval.

Palavras-chave: Sala de aula; Idade Média; PIBID.

Por acreditar que o professor é um mediador do conhecimento, e não o único a detê-lo, e que ele deva atuar como agente dinamizador no desenvolvimento das habilidades e competências dos discentes, utilizando estratégias didáticas que favoreçam o processo de ensino-aprendizagem de todos estes ou do maior número possível deles, é que devemos pensar ações capazes de promover a participação do estudante. A construção deste conhecimento deve ser dialogada entre professor e aluno, de maneira que os dois se tornem sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é preciso que saibamos que “ensinar não é transferir

¹ Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/CAPES.

² Coordenadora do subprojeto de História do PIBID/CAPES – UFRN.

conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, P.12).

Mesmo sendo a teoria da pedagogia libertadora³ há muito discutida, vê-se que alguns docentes acabam negligenciando a prática de desenvolver estratégias didáticas necessárias para que o aluno consiga desenvolver competências vitais ao pensamento autônomo. O tradicionalismo empregado por certos professores faz com que o estudante se torne um grande depósito de conteúdos, mas não o faz capaz de problematizá-los. Para a disciplina de História, o acúmulo de conteúdos não significa que o processo de ensino-aprendizagem foi bem sucedido, mas contribui para a naturalização dos eventos históricos, fixando-os de maneira “irrefutável”.

Partindo desse pressuposto de que a História é uma ciência que deve ser investigada, interpretada e, acima de tudo, problematizada, não podemos deixar de lado a sua rica multiplicidade de visões, e principalmente, a importância da construção e desconstrução dos conceitos para o ensino da mesma. Diante desta ótica é que pensamos o conceito de Idade Média a partir da temática da “Reforma Protestante” como uma chance de discutir/problematizar com os alunos da 1ª Série “B” do ensino médio da Escola Estadual Professor José Fernandes Machado (Natal-RN), as múltiplas interpretações da história, de maneira a investigar os vários olhares lançados sobre ela, e que no caso, diz respeito também ao olhar das diferentes vertentes religiosas e a própria construção do conceito e periodização em questão. Encontramos nessa forma de abordagem uma oportunidade de dimensionar para os estudantes como é relevante questionar a construção das “verdades” históricas, ao tempo em que afirmamos que não existe uma única verdade, mas verdades.

Esta experiência só foi possível através das intervenções e ações pensadas e realizadas pelo subprojeto de História do PIBID/ UFRN, que tem a referida escola como campo de atuação e pesquisa. Tal subprojeto é financiado pela CAPES e tem como foco principal a formação de professores. Nossa atuação se dá em grande medida intervindo durante as aulas programadas a partir do planejamento do professor supervisor da escola. Tais aulas são direcionadas por meio de temáticas

³ Pedagogia idealizada por Paulo Freire que crê numa educação crítica a favor da transformação social.

escolhidas por nós, as quais são desenvolvidas juntamente com os alunos por meio de estratégias diferenciadas.

Escolhemos como temas para a primeira intervenção – tal experiência foi realizada em dois momentos distintos – a multiplicidade histórica e a intolerância religiosa a partir da abordagem do conteúdo (já realizada pelo professor supervisor) da Reforma Protestante. Sabendo que iríamos tratar de um período histórico que naturalmente se mostra tão distante temporalmente dos discentes, entendemos que o conteúdo poderia se tornar relevante se suscitássemos a problematização de uma questão presente no cotidiano destes. Assim, em vez de tratarmos e reafirmarmos as causas e consequências desse fato histórico, mostrando-o de maneira aleatória e isolada, tentamos fazê-los perceber de que maneira a proliferação de igrejas e doutrinas religiosas protestantes, tão comuns atualmente, tem relação com o assunto. E mais ainda, tivemos o interesse de demonstrar como a própria Reforma, e essa proliferação, são movidas por diferentes visões e interpretações sobre a história, contribuindo assim para a percepção da História enquanto processo, pois, segundo José Rivair Macedo, o professor deve proporcionar um

núcleo gerador da consciência histórica a respeito da Idade Média, pois assim o ensino de História cumpriria melhor o seu papel de revelar aos estudantes aspectos de nosso passado que continuam a interagir com o presente.¹

Quando tivemos de intervir a partir do conteúdo da Reforma Protestante, atentamos e discutimos sobre o quanto os discentes estavam desestimulados ao estudar o período medieval, uma vez que a maioria da classe não sabia por certo para quê estava estudando “aquilo”, não viam relação em estudar algo que não lhes “serviria”, já que tudo lhes parecia velho. Este posicionamento da turma nos levou a crer que precisávamos adotar uma metodologia na qual os alunos pudessem pensar e perceber de que maneira elementos de tal período estavam ligados às suas vidas, ao cotidiano de cada um deles.

O grande número de conteúdos nos livros didáticos e a obrigação, muitas vezes imposta pelas escolas aos professores, de ter que trabalhar tais conteúdos durante os dias letivos, os quais oferecem uma carga horária inadequada para o cumprimento destes, acaba pautando o estudo de uma História meramente conteudista, privilegiando relações de causas e consequências. Logo, o professor

não tem a missão de depositar todo conteúdo dessas gavetas nas cabeças dos discentes, mas fazer com que o educando possa refletir sobre estes conteúdos, sendo o educador o elemento que facilita e estimula o pensamento problematizador. Tal perspectiva transpõe a ideia de que os alunos são meros coadjuvantes do processo de ensino aprendizagem, e possibilita ao professor pensar sua prática docente de maneira que suas ações estimulem a capacidade de seus alunos organizarem, interpretarem e problematizarem o estudo da História. Nesse sentido Paulo Freire afirma que

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.ⁱⁱ

Esta experiência teve dois momentos distintos. O primeiro, cujas razões já foram explicitadas acima, foi de grande proveito, já que pudemos discutir o assunto de uma maneira mais dinâmica e relacionada ao dia a dia dos estudantes. Mas tal intervenção serviu também como base para mapearmos algumas questões sobre o período medieval, como a forte caracterização e estereotipização da Idade Média como a idade das trevas. Verificamos então, a necessidade de desconstruir tal conceito e assim, mais uma vez, fazer os educandos pensarem a História. Para esse segundo momento, decidimos romper com o conteúdo programático de tal série e fomos ao Iluminismo buscar as explicações para tal nomeação. A forma como direcionamos cada uma das atividades, a fim de alcançar nossos objetivos, será explicitada mais a frente.

A ação pedagógica foi executada em um encontro de 4 horas/aula em que utilizamos como recursos didáticos uma encenação teatral, além de uma charge exposta através do uso do datashow, mas também recortes de cartolina.

Tivemos como objetivo central da primeira ação o desenvolvimento da capacidade reflexiva do aluno no que diz respeito à problematização do pensamento histórico. Mas para isso, fez-se necessário incentivá-los a pensarem a Reforma Protestante como manifestação de uma nova visão de mundo, além de promover o diálogo com os mesmos a respeito das interpretações que se disseminam através

da tradução/interpretação da Bíblia. Com isso, pretendíamos mostrar o quanto é importante para a construção do conhecimento histórico levar em consideração os lugares de fala de cada sujeito, que se manifesta por meio da comunicação, seja ela por vias oficiais ou não, seja feita por um historiador, político, estudante ou de qualquer outro sujeito. Além disso, também foi objetivo estimular os alunos a perceberem as verdades históricas como (re) construções.

Para que pudéssemos discutir com eles sobre a Reforma, escolhemos como questão norteadora as implicações decorrentes da tradução da Bíblia do latim para as línguas vernáculas, tornando-a acessível às pessoas alfabetizadas, que não necessitavam obrigatoriamente fazer parte de alguma instituição ou da Igreja Católica.

Adotamos assim uma metodologia diferenciada, uma forma lúdica de trazer os estudantes para um contexto e fazê-los pensar sobre ele. A partir de uma encenação teatral, escolhemos representar as situações que ocorriam num ritual católico, ou seja, tentar numa aula explorar práticas em que se configuravam aspectos da Igreja católica por volta do século XVI, como a reprodução das vestes de um padre, interpretado por um bolsista (Figura 1); a própria organização espacial, na qual o padre ficava de costas para os fiéis; e o discurso supostamente proferido em latim, língua oficial das celebrações católicas, mas que na encenação não passou de sons sem significados que lembravam a sonorização do latim. As “frases em latim” eram entrecortadas com pausas para a palavra *Amém*, único termo conhecido pelos espectadores, em razão da permanência deste nas orações religiosas atuais.



Figura 1: Bolsista encenando

Em seguida, colhemos comentários dos alunos a respeito da estranheza daquela “celebração”, na qual os fiéis não entendiam o que ouviam e ainda respondiam ao orador nos momentos em que eram incentivados, como nas ocasiões do *Amém*, questionando também o motivo do “padre” ficar de costas para os fiéis.

Assim, a situação se tornou propícia para discutirmos com os mesmos sobre o que havia acontecido, e foi quando chegamos à conclusão, a partir das suas falas, que mesmo sem entender o que o orador dizia aqueles fiéis acreditavam naquilo que era proferido pelo líder religioso. Explicamos, então, que após a tradução da Bíblia, a interpretação do Livro Sagrado não dependia exclusivamente do religioso, o que facilitava as interpretações autônomas dos indivíduos, possibilitando um contato direto com a própria religião e seu Deus.

Posteriormente, requisitamos aos alunos a realização de uma atividade por meio da interpretação de uma charge (Figura 2) que retratava Martinho Lutero, um dos principais precursores da Reforma Protestante, numa situação de conflito causada pela manifestação de pessoas de diferentes orientações religiosas em que cada uma delas reclama autenticidade para visão em que creem. Nesta atividade os alunos teriam que produzir um texto voltado para a interpretação da charge atentando para elementos como a intolerância e o respeito, tendo como objetivo o reconhecimento da existência das múltiplas verdades históricas, as quais são construídas e reconstruídas conforme as inquietações e interesses dos homens no presente, pois conforme as ideias do historiador Marc Bloch (2002), os homens se voltam para o passado partindo de suas preocupações presentes, e dessa forma, as verdades históricas são fruto de preocupações inerentes à condição humana.



Figura 2: Lutero e a Reforma Religiosa. Disponível em: <http://giulianofilosofo.blogspot.com.br/2010/06/lutero-e-reforma-religiosa.html>. Acessada em: 16/04/2012

Como resultado desta experiência verificamos a necessidade de aprofundar o conceito de Idade Média com estes alunos, de maneira a ser pensado conjuntamente a outro conceito, o de Iluminismo. Logo, adotamos como estratégia didática uma atividade que os fizesse interagir tanto com eles próprios quanto com nós professores, pois a turma apresentava grande dificuldade de participar durante as aulas e não respondiam bem à aula expositiva. Assim, conduzimos a aula de uma forma que os discentes pudessem expor seus conhecimentos prévios de maneira autônoma, criando possibilidades de debate e reflexão sobre o assunto em sala de aula.

Esta segunda intervenção teve como objetivo principal estimular os alunos a percepção de elementos que podem influenciar na construção da História, na caracterização (e às vezes nomeação de determinados eventos) e divisão de períodos. Para isso foi utilizada uma dinâmica que consistiu em estimular a participação dos alunos em sala de aula, instigando os mesmos a quebrarem estereótipos relacionados à Idade Média ao tempo que traçavam características deste período relacionando – certas vezes contrapondo - com elementos do Iluminismo. O objetivo desta dinâmica não foi fazer com que os alunos conseguissem colar todos os elementos – fichas - em seu devido lugar, mas que pudessem se justificar pela escolha feita de modo a estimular a argumentação e reflexão acerca do Medieval e do Iluminismo, construindo, conseqüentemente, após a participação junto aos outros alunos e professores, o seu conhecimento.

Além desse objetivo central, tivemos como objetivos específicos possibilitar aos alunos o entendimento acerca da construção dos conceitos Iluminismo e Idade Média, como sendo motivados por problemas inerentes aos homens do movimento Iluminista; proporcionar a reflexão sobre a existência de produção intelectual e cultural da Idade Média, como forma de quebrar estereótipos construídos pelos iluministas, e que ainda é mantido em certos livros didáticos; e incentivar a participação dos alunos em atividades em sala de aula, haja vista a dificuldade de envolvimento de alguns destes quanto à participação nas atividades realizadas dentro ou fora da citada sala.

Na segunda intervenção tomamos como processo avaliativo a participação dos alunos, os quais deveriam participar da dinâmica em sala de aula, de modo que cada um escolhesse as fichas que eles acreditassem que corresponderiam à Idade Média ou ao Iluminismo. Estes dois itens foram divididos por espaços no quadro

negro, no qual os alunos tiveram que escolher o lado que iriam colar as fichas correspondentes a um ou outro conceito, explicando o motivo que os levaram a entender tais elementos como correspondentes ao conceito escolhido. Escolhemos como elementos para colocar nas fichas variadas manifestações e acontecimentos de cada período. Para a Idade Média elencamos características como a existência das *universidades*, *monges copistas*, *escolástica*, *monopólio da produção cultural*, *Igreja católica*, *teocentrismo*, *as artes liberais*, *Santo Agostinho*, entre outros. Para o Iluminismo escolhemos trabalhar com elementos como o *antropocentrismo*, *empirismo*, *liberalismo econômico*, *racionalidade*, *humanismo*. Colocamos ainda fichas com elementos que reafirmavam o estereótipo de cada período, como a luz e a escuridão. A intenção disso foi justamente a de criar possibilidades para trabalhar a construção de cada termo.

Sendo assim, num primeiro momento explicamos como iria funcionar a dinâmica dentro de sala, dividindo o quadro negro em dois espaços destinados aos conceitos de Idade Média e Iluminismo, nos quais os estudantes tiveram de afixar fichas contendo elementos comuns a cada um destes conceitos. Depois de explicado o funcionamento da dinâmica os discentes começaram a afixar as fichas, baseados em seus conhecimentos prévios sobre os assuntos. (Figuras 3 e 4.)

Durante a dinâmica percebemos que muitos dos elementos foram colocados no lado ao qual correspondiam. Porém, a ficha *universidades* foi colocada no lado que correspondia ao Iluminismo. A explicação do estudante para tal escolha foi a assimilação que este fazia por ter sido o Iluminismo um movimento de estímulo à racionalidade e produção do conhecimento e, portanto, a universidade estaria ligada a esse contexto. O restante da turma concordou com os argumentos do colega e para não afetar o momento de interação nem prejudicar os outros alunos que pudessem se sentir envergonhados ou temerosos de errar no momento de se justificar pela escolha, deixamos para discutir e corrigir eventuais equívocos após a participação de todos.

Propositalmente, colocamos as fichas denominadas *luz* e *escuridão*, pois sabíamos que naturalmente os discentes iriam associar ao Iluminismo e Idade Média, respectivamente. A intenção foi a de utilizar tais assimilações para mostrar como elas foram construídas e de certa forma relacionar com as outras fichas. Por exemplo, fichas correspondentes ao período medieval como os *monges copistas*, *escolástica*, *Santo Agostinho*, se configuraram como exemplos importantes da

produção intelectual e cultural desse período, e dessa forma foram essenciais no sentido de desmistificar a ideia do medievo como época de atraso cultural e intelectual, criada pelo Iluminismo.



Figura 3: Estudante explicando o motivo da sua escolha.

O terceiro momento foi destinado para a correção do quadro, ou seja, reposicionar as fichas que se encontravam no “quadrante” que não era de seu destino. Cada mudança feita por nós professores foi devidamente explicada, bem como as fichas que tiveram destino correto. Logo após, foi feita uma breve conclusão e contextualização acerca da construção do termo Idade Média oriundo dos pensamentos iluministas, os quais buscavam por meio da humanidade, ciência e racionalidade se contrapor aos dogmas da Igreja – instituição religiosa naquele contexto, muito influente no âmbito político, econômico e cultural.

O momento da correção foi de suma importância para consolidarmos o objetivo central da nossa intervenção, pois a partir das desconstruções daquilo que chegava como verdade e algo naturalizado para eles, o conhecimento histórico foi sendo construído. É preciso entender também que ao ressaltarmos as produções intelectuais e culturais do medievo não estaríamos negligenciando as do movimento iluminista. A ideia foi contrapor tais elementos no sentido de entender que cada época tem sua forma de pensar e entender o mundo e que estão interligadas, e que na verdade tudo isso faz parte de algo maior, que é o processo histórico. Assim,

finalizamos nossas ações na certeza de que contribuímos de alguma forma para que nossa turma possa ver a História com um olhar mais reflexivo.



Figura 4: Estudantes participando da intervenção.

Acreditamos que os resultados obtidos a partir desta atividade possibilitaram aos alunos não só a construção de um dado conhecimento, mas também incentivaram a reflexão destes quanto a produção de um saber problematizado e discutido, além da participação destes, algo que não estava sendo satisfatório nas aulas anteriores e que nesta oportunidade se mostrou essencial para o desenrolar da atividade. Partindo destas ideias, podemos refletir também sobre nossa prática docente que deve sempre partir da realidade da turma, tanto das dificuldades como das qualidades e sabê-las utilizar a favor dos professores em prol da aprendizagem conjunta aos alunos.

Durante as aulas percebemos a participação dos alunos nas discussões, contribuindo com exemplos do seu dia a dia, citando muitas vezes a presença das várias igrejas que encontravam do caminho de sua casa até a escola. Mas, o maior retorno veio quando os mesmos conseguiram desenvolver os textos unindo as discussões realizadas em sala com a análise da charge. Ao analisar as produções textuais dos alunos, identificamos que os mesmos conseguiam refletir que as diferenças doutrinárias, nas quais muitos deles estavam inseridos, eram resultantes de múltiplas interpretações, que por sua vez estavam condicionadas aos interesses

particulares de cada um deles. Essa percepção reafirmou nossas intenções quanto ao papel do professor como aquele que possibilita a construção do saber histórico de maneira reflexiva, segundo a consideração de Maria Auxiliadora Schmidt acerca da atuação do profissional de História que

pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do saber histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas em problemáticas.ⁱⁱⁱ

Assim, entendemos que os exercícios foram importantes no sentido de despertar nos alunos a consciência de que eles podem ser sujeitos históricos ativos, capazes de dar interpretações e sentidos para a realidade da qual fazem parte. Neste sentido, o aluno passa a valorizar as diferentes visões de mundo, problematizando-as.

A segunda intervenção, em especial, teve como resultado a melhoria da participação dos estudantes durante a aula. A forma como a atividade foi organizada nos deu a possibilidade de explorar os conhecimentos prévios e aprimorá-los no decorrer da mesma. Estas experiências foram importantes também para a nossa prática docente, de maneira que muitas vezes acabamos ficando presos a determinados recursos tecnológicos e acreditamos estar inovando somente a partir da utilização destes. Escolher outros recursos dinamizadores foi para nós um exercício de criatividade e atingiu plenamente um dos objetivos do PIBID, que é o de criar metodologias e materiais didáticos diferenciados para o ensino de História.

Além disso, acreditamos que a experiência docente nos possibilita refletir não só sobre os resultados pedagógicos, sucessos e/ou insucessos quanto às estratégias didáticas utilizadas, mas também acerca do compromisso ético que o profissional da educação deve carregar consigo. O esforço da reflexão a respeito das práticas é sim uma demonstração desse compromisso e que deve fazer parte do cotidiano do professor.

Por fim, entendemos que nossas ações são ainda muito “pequenas” diante das naturalizações e estereotipizações da História feitas pela mídia e outros meios de comunicação aos quais os estudantes constantemente têm acesso. O período medieval, em especial, sofre com essas determinações e é caracterizado fortemente

por elementos que tendem a construí-lo de maneira equivocada. Dessa maneira, sabemos que a tarefa de cuidar para que nossos alunos não recebam essas informações como verdade pronta deve partir da própria sala de aula, e inclusive, utilizar tais veiculações, sejam na forma de filmes, documentários, reportagens, no sentido de refletir sobre estes, utilizando-os mesmo como recursos didáticos. Dessa forma, acreditamos estar contribuindo no nosso campo de atuação para uma efetiva construção do conhecimento histórico e capacitação de cidadãos autônomos.

ⁱ MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In:KARNAL, Leandro (org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo:Contexto, 2005, p.109-125.

ⁱⁱ FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia - Saberes necessária à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p 116. _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

ⁱⁱⁱ SCHMIDT, Maria Auxiliadora, “A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula” In: Circe Bittencourt. O saber histórico na sala de aula, 9 ed., São Paulo, Contexto, 2004, p. 54.